

EDITORIAL

É com satisfação que apresentamos a **Edição N. 8**, fechando o ciclo do seu **quarto ano** de existência, propiciando desse modo questões relevantes para o fomento do debate e estabelecer com os leitores o diálogo instigante acerca do nosso tempo.

Recentemente fomos surpreendidos pelas notícias de protestos e conflitos em diversas partes do planeta pela alta de preço dos alimentos, fato que tornou mais evidente a crise mundial desencadeada por diversos fatores relacionados à própria lógica do sistema capitalista, pelo modo como está estruturada a relação político-econômica entre os países desenvolvidos e os países subordinados economicamente. E a tendência que se põe diante da lógica presente nas relações sociais é o aprofundamento dessa situação para os próximos anos.

Instituições, como a ONU, se manifestaram em defesa de incentivos ao setor agrário dos países emergentes para tornar possível num curto espaço de tempo o aumento da produção de alimentos. Houve pronunciamentos por parte de alguns representantes dos países ricos responsabilizando o biocombustível pela crise que hoje atinge o setor. Outros atribuem o problema ao aumento da população em decorrência da prosperidade dos países, especialmente daqueles que passam por um processo de desenvolvimento, o que provocou uma maior demanda por alimentos.

Aqueles que atribuem as causas da crise dos alimentos ao aumento considerável da população procuram justificar suas posições ressuscitando a tese de Thomas Malthus (1766-1834) – de que a população cresce em progressão geométrica e a produção de alimentos em progressão aritmética – sem se darem conta de que a humanidade atravessa uma revolução tecnológica sem precedentes e, por isso, alcança pela primeira vez em sua história a possibilidade de ampliar significativamente a sua produção de alimentos. Na prática, o desenvolvimento científico-tecnológico em todas as

suas dimensões transformou a tese de Malthus em peça de museu, pois cria as condições reais para a ampliação das capacidades produtivas dos setores agrícolas, e conseqüentemente, atender as necessidades humanas. Por isso, é possível assegurar que o problema da falta de alimentos é de outra ordem.

É fato que os países que mais são atingidos pela alta dos preços dos alimentos são aqueles herdeiros do colonialismo que não conseguiram desenvolver suas forças produtivas, e alguns deles ainda estão organizados sob condições tribais. Todavia, não se trata apenas do esmagamento econômico que os países ricos exercem sobre os países de economia subordinada. Existe um outro problema que atinge a humanidade de modo visceral e não é lembrado por nenhuma personalidade ilustre dos órgãos governamentais: as conseqüências do desenvolvimento das forças produtivas para o proletariado.

E aí reside a contradição mais aguda do nosso tempo. Através do desenvolvimento das forças produtivas ampliam-se as capacidades humanas, bem como a satisfação das necessidades humanas, é verdade. Entretanto, neste atual modelo de produção e reprodução material da vida, centrado na acumulação e ampliação do capital, o desenvolvimento das forças produtivas – sob completo domínio dos grandes grupos econômicos – tem produzido uma grande massa de miseráveis na medida em que exclui ano a ano os trabalhadores da esfera produtiva. Por isso, não se cria efetivamente as condições para os trabalhadores terem acesso aos meios de produção e conseqüentemente garantir a reprodução da sua existência.

A sociedade avança, sim, existe em curso uma gigantesca produção de riquezas. Há toda uma campanha política em âmbito mundial em torno do crescimento econômico de empresas e nações, como alternativa para reduzir a miséria que assola o planeta. É gerada uma grande expectativa em torno das negociações internacionais na Organização Mundial do Comércio como alternativa à aproximação entre os países ricos e os países pobres, bem como redução da pobreza a longo prazo. Mas simultaneamente na outra ponta se vê uma grande produção de miséria, vidas que são destruídas cotidianamente. Ernest Mandel (1923-1995), ao tratar das crises do capital, em especial a crise

dos anos setenta, discorreu com profundidade acerca desse problema e trouxe à baila indicações de possibilidades de transição ao ressaltar que

A crise, o reaparecimento do desemprego massivo, a ofensiva universal do capital contra a classe operária, a miséria que se amplia no Terceiro Mundo, as ameaças crescentes que pesam sobre as liberdades democráticas e sobre a paz em razão da própria deterioração da situação econômica do capital, tudo isso nos incita a repetir com força que o regime capitalista é um regime condenado. Ele ameaça cada vez mais destruir a substância da civilização material e da cultura humana a que ele outrora propiciava o progresso, embora de forma contraditória, com vícios enormes e alienações que lhe eram inerentes desde o início. É urgente que a humanidade o substitua por um regime social adaptado às necessidades contemporâneas do homem, as suas forças produtivas e à sua tendência emancipatória – o regime socialista, não existe em lugar nenhum. A única força social capaz de levar a bom termo essa obra de reconstrução gigantesca é a classe operária, isto, é o conjunto dos assalariados^[1].

A delicada situação em que se encontra a humanidade requer igualmente uma minuciosa compreensão do processo que vivemos – da devida dimensão do alargamento e profundidade da crise que arrasta e legitima a antropofagia. Não se trata aqui de aclamar o niilismo e o ceticismo dele decorrente. Pelo contrário, trata-se de rechaçá-los com todas as energias e reafirmar a capacidade do homem compreender a realidade e transformá-la. Chegou o momento em que os homens precisam acordar do seu sono profundo para retomar a sua lucidez diante da vida e assumir o seu papel de condutores do próprio destino.

Nesse sentido, o artigo de Rainer Patriota – ***Uma centelha de lucidez: o diálogo do jovem Steiner e o velho Lukács*** traz uma grande contribuição ao expor sua reflexão sobre estudo que George Steiner, no livro *Linguagem e silêncio*, dedica ao filósofo e crítico literário Georg Lukács. Nesta obra tematiza o realismo lukacsiano e a crítica ao movimento estético das vanguardas de sua época, bem como seu distanciamento da ideologia oficial do sistema soviético.

Mônica Hallak Martins Costa, também apresenta uma discussão e torno do filósofo húngaro ao escrever sobre ***O caminho da volta – Da ontologia do ser social à História e consciência de classe – Lendo Lukács com Antonino Infranca***. A autora expõe aqui o debate travado entre os estudiosos que são defensores da obra juvenil e aqueles que são defensores da obra madura. Hallak ressalta que “a interpretação de Antonino Infranca (2005) rompe com essa dicotomia ao analisar no conjunto dos escritos – com destaque para *História de consciência de classe* de 1923 e a *Ontologia do Ser Social* de finais dos anos 60 do século XX – os traços comuns da reflexão lukacsiana”, principalmente sobre as questões presentes em *História e Consciência de Classe*.

Antonio José Lopes Alves no artigo ***A propriedade privada como realização e o avesso da liberdade: Hegel e Marx*** discute as posições que Hegel e Marx tomam diante da propriedade. Para o primeiro, a propriedade privada constitui-se em expressão da liberdade do indivíduo em sua forma acabada e efetiva. Marx, ao contrário, afirma que a propriedade privada capitalista se desvela não como a realização da liberdade, mas apenas uma determinada forma histórica da produção.

O artigo ***A organização da cultura na perspectiva gramsciana***, de Maria Cecília Marins de Oliveira e Maria Elisa Brum do Nascimento, expõe a reflexão sobre a formação política e filosófica dos intelectuais no contexto histórico, apoiada na interpretação de Antonio Gramsci. Desse modo, provocam a reflexão sobre as possibilidades de elevação dos conhecimentos das massas populares, sobre os recursos que possuem para superar o senso comum e se apropriarem do conhecimento crítico, científico e filosófico.

Esta edição também conta com o artigo ***As artimanhas do Estado: o poder política e suas estratégias de mistificação***, de Marcos Peres, no qual é analisado o papel do Estado e da política numa perspectiva histórico-antropológica, mostrando como o poder político está vinculado à idéia de dominação e os recursos que utiliza para garantir o seu poder e a desigualdade social.

Leônidas Dias, no artigo ***Comunicação e capitalismo: reprodução e combate*** apresenta a reflexão acerca de fenômenos pertinentes à comunicação empreendida à luz do pensamento de Karl Marx. O autor toma como referência as categorias tratadas por Karl Marx na *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* e suas notas etnológicas, de 1882, editadas por Lawrence Krader.

Sabina Maura Silva traz uma reflexão acerca do ***Idealismo na filosofia da educação de Anísio Teixeira***, procurando explicitar a natureza idealista do pensamento de Anísio Teixeira, advindo da influência exercida por John Dewey, do qual o educador brasileiro é seguidor. O debate proposto pela autora retoma o olhar sobre o pensamento de Anísio Teixeira e certamente contribui para o melhor entendimento da educação na atualidade.

As autoras Susana Jimenez, Marteara de Lima e Maurilene do Carmo através do artigo ***Funções psicológicas superiores e a educação escolar: uma leitura crítica a partir de Vigotski*** reafirmam a importância do resgate da psicologia histórico-cultural a partir de seus fundamentos marxistas, enfatizando a retomada efetuada por Lukács do conceito marxiano de trabalho como o complexo que dá origem ao homem como ser social. As autoras trazem ao público esclarecimentos imprescindíveis ao aprimoramento da atividade educativa e conseqüentemente da retomada de uma reflexão em torno da formação humana.

No artigo ***O artífice do Renascimento: na incipiente “URBS” Burguesa, exaltou o refinado e inquieto espírito dos humanistas***, Maria Aparecida Gomes da Silva reconstitui o modo como os homens renascentista reproduziam a sua vida material, a intensificação do comércio em várias cidades, o advento da indústria e o contorno das novas classes sociais: mercadores e banqueiros. Num momento em que as conquistas e avanços obtidos no Renascimento soam distantes, são bem-vindas as reflexões que evidenciam os princípios que incentivaram a prática do homem renascentista: a convicção de que era necessário domar o destino, lidar com os infortúnios para fazer o próprio destino.

No ensaio ***Interpretando o que se diz dos jovens: um ensaio crítico***, Romero Maia desenvolve um comentário crítico sobre o que é debatido em torno das questões que estão relacionadas à juventude por algumas correntes da Psicologia e alguns meios de comunicação de massa. O autor chama atenção para a especificidade desta camada da população pela vulnerabilidade em que se encontra boa parte de jovens.

Nicolas Tertulian no artigo ***Heidegger entre a filosofia e a história contemporânea*** expõe reflexões em torno da adesão de Heidegger ao nacional socialismo, os fatores e os procedimentos, bem como os motivos imediatos do seu engajamento. Reflexão primorosa para aqueles que desejam compreender os rumos da filosofia contemporânea.

Jacques Bidet no artigo ***Um contrato de escravidão***, escrito por volta da aprovação da *Lei do Primeiro Emprego* na França, provoca uma compreensão de extrema importância ao estabelecer a relação entre o trabalho servil e o trabalho assalariado, e dessa forma elucida o trabalho assalariado como uma forma de escravidão moderna, velada. Passados alguns séculos, o trabalhador adquiriu a liberdade de mudar de senhor, mas ainda não conquistou efetivamente a sua liberdade plena.

Leandro Cândido de Souza traz a resenha acerca da obra ***Sonata do Absoluto: Trios para Borges, Poe e Machado - de Eduardo Seincman***, na qual destaca a relevância da obra para aqueles que se dedicam a o estudo da estética além de expor textos literários em íntima relação com a música.

Sarah Basílio de Toledo apresenta a resenha intitulada ***Os verdadeiros limites da Democracia e a possibilidade do ideário socialista no século XXI***, expões as reflexões do editor Silvio Caccia Bava na matéria intitulada *A construção democrática e o futuro*, publicada no *Le Monde Diplomatique* de fevereiro de 2008, na qual é posta em debate a crise política assistida no Brasil acompanhada de um clamor pela ética em resposta ao balcão de negócios em que se transformou a política. Segundo Bava, tal situação leva ao afastamento entre partidos e sociedade e, conseqüentemente, o enfraquecimento da Democracia.

O resumo de tese de Ada Maria de Almeida sob o título ***O estudante de ensino pós-fundamental e precariedade do trabalho: perspectivas e adaptação – um estudo de caso de jovens estagiários*** compartilha com os leitores os resultados da sua pesquisa na qual pôde identificar o papel que as escolas direcionadas à formação técnica para o trabalho cumprem ao lado das agências de emprego, como uma atuação ativa de intermediária e agenciadora de estudantes para empresas e se caracterizam como competências sociais em detrimento do saber escolar - úteis ao desempenho do trabalho.

Para circular o sangue na veia com emoção esta edição conta, ainda, com o poema ***Não te Salves***, de Mario Benedetti e a expressão de indignação na imagem *A Nova Democracia*, de David Afaro Siqueiros.

Desejamos a todos, boa leitura.

Antonio José Lopes Alves e Lúcia Aparecida Valadares Sartório.

[1] MANDEL, Ernest. A crise do capital. São Paulo: Editora Ensaio/Editora da UNICAMP, 1990.